

OPINIÃO

Juízes: a angústia no decidir

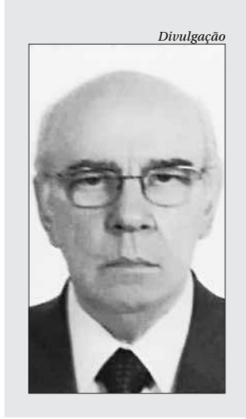
Por Orlando Gonzalez, procurador federal aposentado

A tão esperada renovação do Congresso Nacional trouxe uma geração de novatos entusiasmados, ansiando por participar da vida nacional com suas contribuições fundadas num ideário inovador a preencher omissões legislativas históricas, mantidas por oligarquias poderosas, interesses político-partidários empedernidos além de uma multifária vertente de forças econômicas que influenciam, silenciosamente, muitas das normas jurídicas de cujas origens inacessíveis sequer se desconfia. E é esse manancial de bons ventos e ciclones indesejados que, misturados e indefinidos em suas máscaras, cai sobre a magistratura, incumbida de aplinar controvérsias, sob o fogo cruzado de interesses que movem as placas tectônicas do subsolo político de onde partem digressões habilmente construídas ocupando espaços midiáticos, muitas vezes para manipular a opinião pública a apoiar o que nem sempre está na expectativa da sociedade.

Nesse charivari de informações e contrainformações, tecido com técnicas da propaganda subliminar e da espionagem e contraespionagem industriais (e até estatais), os magistrados sofrem as dores de parto de julgar subordinados a leis que já chegam deformadas pelo empurra-empurra que as geraram, sendo até difícil identificar a área de influência onde se situam suas casamatas. Vislumbra-se, então, que o Legislativo jorra, por legislatura, milhares de conflitos, oriundos de leis novas, no colo do Judiciário, muitas que afrontam a técnica legislativa e ostentam seus júbilos oportunistas. Pior: o amontoado de leis se desdobra em decretos e regulamentações que geram mais antagonismos entre cidadãos e entidades governamentais, hostilidades essas que deságuam, inevitavelmente, nos labirintos forenses.

O amontoado de leis se desdobra em decretos que geram mais antagonismos

Sobrecarregados, os juízes padecem de toda gama de críticas. Está na boca do povo: a Justiça é lenta, a prescrição chega primeiro que a pena, o acesso a ela diferencia o rico do pobre, etc. Como se o entulho de processos não tirasse a velocidade desejada. Como se leis, compostas às pressas e estruturadas por cabos de guerra particulares, propiciassem sentenças impecáveis, isentas de erros, aqueles erros que o arrevessado das leis não deixa ao julgador uma terceira via de eleição, já que sua obrigação é julgar e não legislar. E tem



de sentenciar, não pode considerar a causa empitada, como ilustra a piada do juiz do interior, nem pode encaminhar os autos ao Legislativo para que esse Poder preencha lacunas, revogue dispositivos ou supra o ordenamento jurídico daquilo de que é carente diante do rolo compressor das vicissitudes sociais.

O julgador ainda ouve que sua sentença foi injusta, inadequada e ofensiva à Justiça

Muito embora essa angústia perpasse diariamente o exercício da judicatura, o julgador ainda ouve que sua sentença foi injusta, inadequada e ofensiva à Justiça. Não é surpreendente, vez por outra, ouvir até de operadores do Direito semelhante deselegância. Nesse caso recheiam a diatribe com o termo teratológico, emprestando-lhe o significado de monstruosidade, embora até hoje nenhuma lei tenha definido, como limite tipificado, o que seja teratológico. Deste modo, teratológico é o que alguém pensa da decisão de um juiz que, na sua independência e saber, vê o deslinde da causa por caminho diverso do crítico, especialmente quando este é a parte vencedora. A discordância é normal no ambiente forense, em todas as instâncias. Quando um processo submetido a julgamento do STF e finda com o placar de 6 x 5, os votos vencidos seriam todos teratológicos apenas porque se contrapõem aos outros? Ou teratológicos seriam os vencedores?

Imagine-se essa angústia na hora de conceder uma liminar que tenha caráter de urgência, diante de uma questão em que a ameaça à vida está em jogo. Se o juiz defere o pedido, com base em informações documentais precárias, poderá estar colaborando, involuntariamente, com um golpe de soltura de um indivíduo esperto. Se nega, e o requerente morre, o juiz não passará de um desalmado, insensível às desditas humanas, que dá mais valor à burocracia judiciária que à vida humana. Um impiedoso que apenas com uma caneta mata tanto quanto um assassino vulgar.

Há mais riscos no desempenho da atividade de um juiz do que supõe o mais capaz teórico das ciências jurídicas. ■

Jair Bolsonaro reafirma que Brasil repudia o terrorismo

Presidente critica Lula durante live para assistir ao discurso de Donald Trump

Após assistir ao pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre o conflito com o Irã, o presidente Jair Bolsonaro reafirmou nesta quarta (8) que o Brasil defende a paz no mundo e repudia o terrorismo. “A nossa Constituição aqui diz no Artigo 4, a República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: a defesa da paz e no repúdio ao terrorismo”, disse, com a Constituição Federal nas mãos.

Bolsonaro fez uma transmissão ao vivo, por uma rede social, de seu gabinete no Palácio do Planalto, enquanto assistia ao pronunciamento de Trump pela televisão. “Muitos acham que o Brasil deve se omitir no tocante aos acontecimentos. Complementaria apenas uma questão, nós temos que seguir as nossas leis, nós não podemos extrapolar, mas acredito que a verdade tem que fazer parte do nosso dia a dia, que nós queremos paz no mundo”, disse, fazendo referências ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que mais cedo havia criticado a atuação do governo Bolsonaro na crise entre Irã e Estados Unidos. Em entrevista ao site Diário



Jair Bolsonaro fez transmissão ao vivo enquanto assistia ao discurso do presidente americano Donald Trump

do Centro do Mundo, o petista disse que “o momento não é adequado para o Brasil se meter em uma briga externa”, chamando Bolsonaro de “lambe botas do Trump”.

Bolsonaro, por sua vez, disse que, em 2009, Lula defendeu que o Irã enriquecesse urânio acima de 20% para fins pacíficos, muito acima da cota defendida pela comunidade

internacional para que não houvesse risco da produção de uma bomba nuclear.

Trump falou nesta quarta-feira, na Casa Branca, em Washington, sobre o ataque iraniano com mísseis balísticos a duas bases aéreas dos Estados Unidos, na véspera, no Iraque. De acordo com o presidente norte-americano, não há registros de mortes.

A Guarda Revolucionária do Irã assumiu a responsabilidade pelo ataque e informou que foi uma reação ao assassinato do general iraniano Qassem Soleimani. Na semana passada, um ataque com drone feito pelos Estados Unidos no Iraque resultou na morte de Soleimani, uma das principais lideranças militares do Irã. ■

Trump quer Irã sem armas nucleares

No primeiro pronunciamento após ataque dos Estados Unidos que resultou no assassinato do general iraniano Qassem Soleimani e que levantou o risco de um conflito internacional, o presidente americano, Donald Trump, defendeu que o país árabe abra mão de seu arsenal nuclear.

A expectativa pelo discurso de Trump era grande, uma vez que ocorreu um dia após o Irã bombardear duas bases dos EUA no Iraque, em sua primeira retaliação ao assassinato do general Soleimani. O Irã classificou o ataque americano de ato terrorista de Estado. O Iraque foi em sentido semelhante, condenando a ação.

Trump não mencionou explicitamente novos ataques ao Irã, mas manteve a ameaça de novas retaliações e cobrou o abandono do programa nuclear pelo país rival, dizendo que novas sanções serão adotadas enquanto o Irã “não mudar o comportamento”.

“Enquanto eu for presidente dos EUA o Irã não terá uma arma nuclear. Nossas forças estão prontas para o que for necessário. Nações

toleraram o comportamento destabilizador do Irã por anos. Esses dias acabaram. O Irã deve abandonar suas ambições nucleares e seu apoio ao terrorismo”, ressaltou Trump.

Pronunciamento do presidente americano veio um dia após ataque do Irã a bases dos EUA

Após essas ameaças, Trump afirmou que os Estados Unidos estão “prontos para abraçar a paz”. “Uma mensagem aos líderes e ao povo do Irã. Queremos que vocês tenham o futuro que merecem, com prosperidade. A destruição do ISIS [Estado Islâmico] é boa para o Irã. E devemos trabalhar juntos nesta prioridade”, propôs.

Justificativas - Trump também usou o pronunciamento para justificar o assassinato de Soleimani. O governante reiterou o argumento já

apresentado de que o ataque foi necessário diante da iminência de ações que colocariam em risco a vida de cidadãos estadunidenses.

“Nenhuma vida dos EUA e do Iraque foi perdida por conta da ação do nosso sistema de inteligência. Soleimani foi responsável por algumas das maiores atrocidades, lançando ataques terroristas contra alvos civis. Promoveu guerras por toda a região e assassinou milhares de americanos. Ele deveria ter sido exterminado há muito tempo”, disse.

Trump descartou também o argumento de que um conflito com o Irã teria relação com o interesse no controle de petróleo do país, análise frequente no caso da guerra do Iraque nos anos 2000. “Nós somos o maior produtor de óleo e gás natural no mundo. Nós não precisamos do óleo do Oriente Médio”.

Outros países - O presidente também mencionou o posicionamento de outras nações diante da repercussão do episódio. A Rússia condenou o ataque e ofereceu apoio ao Irã. A China

também adotou postura crítica. Países europeus, como Alemanha, também tiveram reações críticas, embora sem declarar apoio, condenando a escalada dos conflitos.

Donald Trump não mencionou novos ataques, mas manteve a ameaça de novas retaliações

Trump pediu que a comunidade internacional siga o exemplo dos Estados Unidos, que abandonaram o acordo nuclear com o Irã em 2018.

“O tempo chegou para o Reino Unido, a China, a Rússia e a Alemanha reconhecerem isso. Devemos trabalhar juntos para fazer um acordo com Irã que faça do mundo um lugar mais seguro. O Irã pode ser um grande país. Hoje, vou pedir à OTAN [Organização do Tratado do Atlântico-Norte] para ficar mais envolvida no processo do Oriente Médio”, pontuou o presidente. ■

Dólar e petróleo caem após discurso

O dólar e o petróleo caíram com indicações de que o conflito entre os Estados Unidos e o Irã pode diminuir nos próximos dias. O dólar comercial fechou esta quarta-feira vendido a R\$ 4,052, com queda de R\$ 0,013 (-0,32%). A cotação do barril de petróleo do tipo Brent caiu para US\$ 65,87 no fim da tarde, com recuo de 3,52%.

A moeda norte-americana oscilou durante a manhã e operou em alta. A cotação, no entanto, passou a cair após o discurso do presidente norte-americano, Donald Trump. Em pronunciamento no início da tarde, Trump disse que pretende reforçar as sanções econômicas ao Irã, mas não



Indicações de que conflito pode diminuir fizeram alta do dólar recuar

pretende retaliar os ataques a bases aéreas dos Estados Unidos no Iraque, ocorridos

na terça. Apesar de ter operado em alta durante toda a ma-

drugada, a cotação do barril do petróleo tipo Brent caiu para abaixo de US\$ 66 pela primeira vez no ano. O barril abriu a manhã em queda, permanecendo em baixa durante todo o dia.

O alívio não se repetiu no mercado de ações. O Ibovespa, índice da B3 (antiga Bolsa de Valores de São Paulo), encerrou esta quarta aos 116.232 pontos, com queda de 0,37%. Nas bolsas internacionais, no entanto, o dia foi marcado pela calma. As principais bolsas europeias fecharam em alta: 0,71% em Frankfurt, 0,31% em Paris e 0,01% em Londres. Nos Estados Unidos, o índice Dow Jones, de Nova York, operava em alta de 0,28% perto do fim das negociações. ■